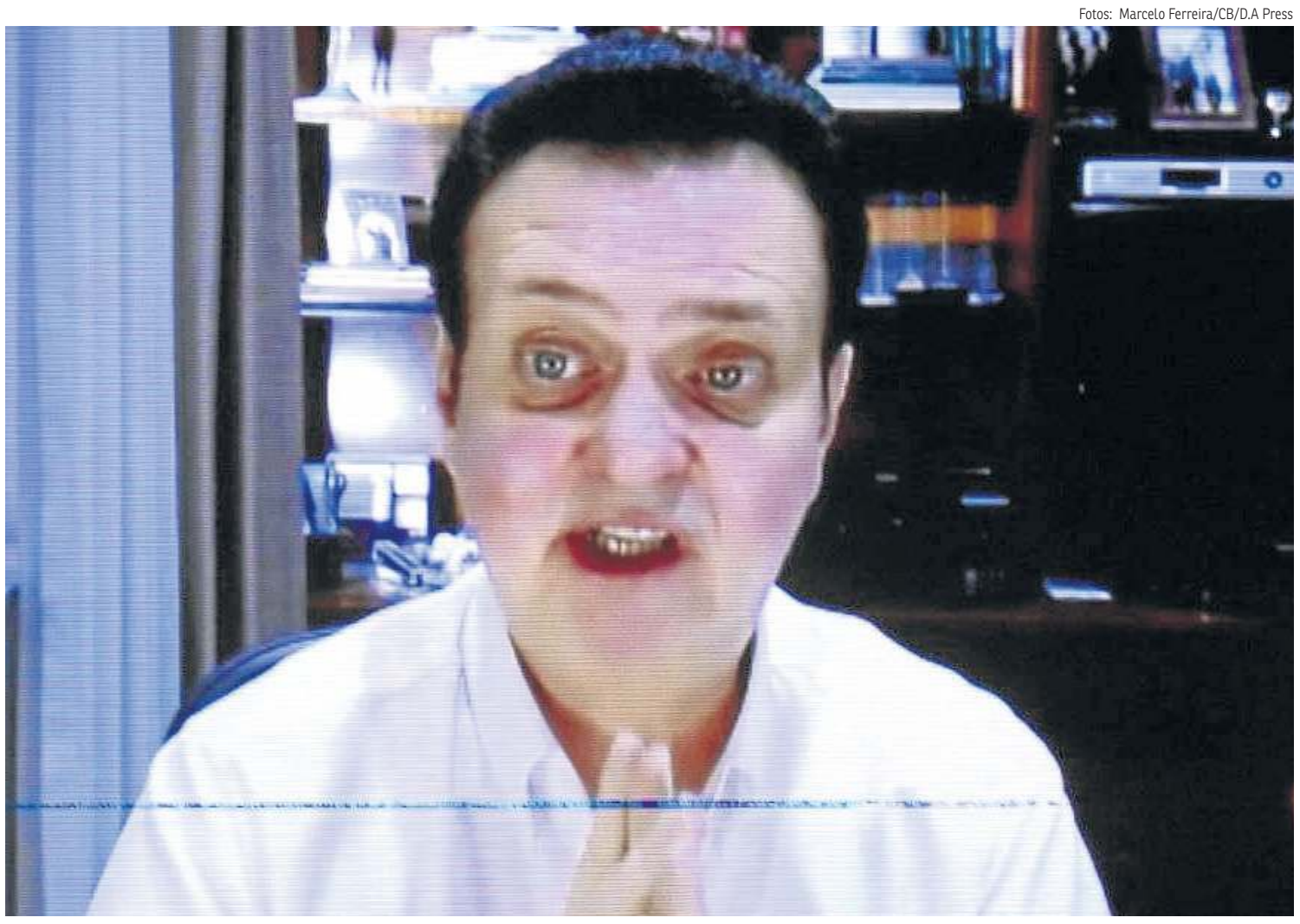
ENTREVISTA // GILBERTO KASSAB

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



E se o Alckmin quiser voltar? E ser candidato a governador? Aceita ele de volta?

Se ele tiver um projeto definido. Se já tivermos candidato a essa altura, fica difícil, mas impossível nunca é. Mas tudo será feito com respeito a um projeto que tenha sido colocado com apoio do partido.

Pacheco está vindo aí meio espremido entre o centrão, que faz parte do grupo que ajudou a eleger (e que já está) com Bolsonaro, e a oposição está com Lula. Como vai ser essa atração de partidos? O senhor vislumbra alianças para Rodrigo Pacheco?

Nesse momento, o partido está muito bem estruturado. Nós, a partir do momento que o Rodrigo der o ok ao convite do partido, ele terá uma rede aqui dentro muito importante, e vai ter a disposição dele os meios de comunicação e as redes sociais para levar a sua mensagem, o que levará ele, a ser muito conhecido em pouco tempo, e mais do que ele ser conhecido, as suas propostas serem conhecidas. Ele é muito bem preparado, talentoso, tem tudo para conquistar a confiança do eleitor, como ele conquistou quando foi candidato a deputado federal, como conquistou quando foi candidato a senador, e não será diferente como candidato a presidente.

E como vê a candidatura de João Doria, o senhor que já trabalhou no governo dele, que já esteve mais ao lado do PSDB? Como vê o PSDB hoje e essa pré-candidatura? Há possibilidade de união entre ele e Pacheco num primeiro turno?

Não. O Pacheco vai até o fim, eu espero, e eu acredito que realmente o João Doria está em campanha desde que assumiu a Prefeitura de São Paulo. E depois se elegeu como governador, e não está decolando com uma campanha intensa de praticamente seis anos. Ele está com dificuldades. É uma situação distinta, porque o Rodrigo nem começou a pré-campanha, nem disse ainda se vai aceitar ser candidato.

Em relação ao ex-juiz Sergio Moro, como o senhor vê a candidatura dele?

Assim como o João Doria, ele já está em campanha. Está com um número um pouco mais elevado, acho que a sua pré-candidatura colocada nesse momento atrapalhou um pouco os planos do Doria, porque ele ocupou um espaço que poderia ser do Doria, mas temos que aguardar as próximas semanas para ver se crescerá ou seguirá estagnado.

Em relação a essa união no primeiro turno, o senhor vê perspectiva? A união entre esses candidatos chamados de terceira via?

Acho difícil, e é compreensível. Já são poucos candidatos.

Como vê a candidatura de Bolsonaro? O senhor chegou a dizer que não acreditava na ida do presidente ao 2º turno. Continua pensando assim ou essa sua avaliação já mudou?

> Continuo dizendo que se um dos dois (Lula ou Bolsonaro) não estiver no segundo turno, provavelmente, será o Bolsonaro"



> Na minha campanha para eleição para prefeito de São Paulo, no mês de junho, eu tinha 3%, e eu ganhei as eleições do Geraldo Alckmin e da Marta Suplicy"

Continuo dizendo que se um dos dois não estiver no segundo turno, provavelmente, será o Bolsonaro. Diante das pesquisas, é a avaliação política que faço e da conduta do presidente.

E o senhor criticou o "chute no balde" que ele deu nos tetos de gastos para que pudesse fazer medidas eleitoreiras. Como está vendo o Auxílio Brasil? É uma medida eleitoreira? O brasileiro percebe isso?

Não, o Auxílio Brasil não é uma medida eleitoreira. O governo tem obrigação de colocar à disposição dos menos favorecidos esse recurso, que é do governo. O que eu vejo com muita preocupação, é o descontrole das contas públicas. Não há controle nenhum das contas públicas, o teto de gastos foi para o espaço. Veja se tem sentido, no decorrer do orçamento, o governo mudar de mãos, tirar da economia, para colocar na Casa Civil. São critérios diferentes, pessoas diferentes, cadê a lógica? Como é que pode você, como brasileiro, aceitar que o Congresso invista, gaste, mais de R$ 16 bilhões, no tal do orçamento secreto, que não tem nenhuma vinculação com o planejamento, o desenvolvimento do país. Alguma coisa está errada.

Por falar em orçamento secreto, o senhor acha que isso veio para ficar ou vai ser possível tirar, acabar com essas emendas do relator, que receberam esse apelido?

Na próxima legislatura eu vou estar entre aqueles que vai se manifestar pelo fim dessas emendas, porque realmente, elas atrapalham o país. Você não pode ter R$ 16 bilhões sem vinculação com o planejamento estratégico. Na próxima legislatura, vamos trabalhar para acabar com a coligação majoritária, são duas medidas fundamentais.

Ou seja, cada partido vai ter que ter o seu candidato a presidente então?

No segundo turno, apoia. Caso não tenha segundo turno, por causa das eleições municipais, você, com os vereadores eleitos, você negocia governabilidade, o que acontece em qualquer lugar do mundo.

Acha que isso passa?

Eu vou trabalhar pra passar.

E o senhor falou que o PSD vai defender o fim das emendas de relator. O senhor acredita que o futuro presidente vai ter que fazer um pacto com o congresso pela governabilidade, em relação ao Orçamento, depois dessa captura do orçamento pelas presidências da Câmara e do Senado?

Pela lógica, o Congresso, pela sua disposição e por ter um volume de recursos maior do que o próprio Executivo, isso não tem lógica nenhuma. Cada um dos deputados e senadores fazer o que quiser, basta ir lá bater na porta do do presidente da Câmara e falar "olha, quero esse dinheiro para aquele município". Eu vou trabalhar para nós retomarmos o Orçamento para o Executivo. Se não for bem sucedido, eu vou estar em paz com minha consciência.

Agora o senhor tem ouvido isso de outros presidentes de partido ou vai como um cavaleiro solitário nessa missão?

Infelizmente estou sozinho. Mas acho que vai aparecer muita gente do bem que vai defender. Os próprios parlamentares, que antes de mais nada querem o melhor para o Brasil, vão acabar se convencendo.

Como é que o senhor vê o Centrão atuando? Até hoje, quem está ali mais organizado para concorrer à reeleição é o presidente Jair Bolsonaro, que já tem o PL, o PP, o PTB, PSC, o Republicanos... Não acha que ele chega bem para se fortalecer para um segundo turno?

O coração da candidatura de Bolsonaro é o PP, o PL e o Republicanos. É um coração forte, o Centrão. Eles vêm carregados de recursos com as emendas que são distribuídas aos municípios. Eu não acredito que o presidente Bolsonaro seja carta fora do baralho para o segundo turno.

O PT está trabalhando para ganhar a eleição em um primeiro turno. O senhor acredita nessa possibilidade?

Não acredito, acho muito difícil. Com a animosidade compreensível da pré-campanha que se inicia em abril, terá um desgaste.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br



Nunca os conflitos do Cáucaso estiveram tão perto de nós

O escritor Nikolai Vassílievitch Gogol (1809-1852) é considerado um dos pais da literatura russa. Segundo Fiódor Dostoiévski, autor de Crime e Castigo, todos os grandes autores russos que conhecemos saíram do conto O capote, de Gogol, a história tragicômica de Akaki Akakiévitch, um funcionário público na Rússia czarista, cuja maior ambição era comprar um capote novo: "Não, é melhor não dizer seu nome. Ninguém é mais suscetível do que funcionários, empregados de repartições e gente da esfera pública. Nos dias que correm, todo sujeito acredita que, se nós atingimos a sua pessoa, toda a sociedade foi ofendida". A novela mostra a frieza e a futilidade da aristocracia do Estado tzarista, em São Petersburgo.

Notável contista, os romances mais famosos de Gogol são Tarás Bulba (1834) e Almas Mortas (1842). Maria, um dos seus contos, descreve o drama da filha de um chefe cossaco aliado do Pedro, o Grande, e casada com um dos generais de Carlos XII da Suécia. A filha presencia o marido matar seu pai num duelo e fugir com o exército inimigo. A jovem enlouquece. É uma alusão à fuga de Ivan Mazepa, um general cossaco do Exército sueco. E uma alegoria da histórica divisão da Ucrânia.

Após derrotar a Saxônia, a Dinamarca e a Polônia, aliados de Pedro, o rei Carlos XII da Suécia tentara pôr fim à guerra invadindo a Rússia, em 1708. Em abril de 1709, Carlos XII, com o apoio do líder cossaco Ivan Mazepa, atacou o forte de Poltava no Hetmanato Cossaco. Os suecos atacaram o campo entrincheirado dos russos, que era defendido por 42 mil soldados. A vitória russa obrigou Carlos e Ivan Mazepa a fugirem para o Império Otomano.

Gogol nasceu na pequena aldeia de Sorótchintsi, na província de Poltava, na Ucrânia central, cuja capital, hoje com cerca de 280 mil habitantes, foi construída por Pedro, O Grande, como uma pequena réplica de São Petersburgo, para comemorar a Batalha de Poltava, que lhe garantiu a vitória contra os suecos. Do século XIV a 1569, a região foi parte da Lituânia; depois, da Polônia. Em 1482, foi invadida pelos tártaros da Crimeia. De 1654 a 1667, pertenceu ao Império Russo. De 1917 a 1919, foi um campo de batalha da Guerra Civil. Os bolcheviques haviam tomado o poder, mas as tropas brancas do general Anton Denikin controlavam a Ucrânia, com apoio dos cossacos da região caucasiana de Kuban. Denekin foi derrotado pelo Exército vermelho.

Um tratado de paz com a Polônia encerrou a Guerra Civil. A porção ocidental foi incorporada à Polônia, a oriental formou a República Ucraniana, integrada à União Soviética em dezembro de 1922. Durante a Segunda Guerra Mundial, nacionalistas ucranianos lutaram contra nazistas e comunistas, indistintamente, ou colaboravam com um dos lados. Em 1941, o Exército alemão invadiu a Ucrânia. No cerco de Kiev, em cujo principado nasceu a Rússia, houve feroz resistência do Exército Vermelho e da população local. Foram capturados 660 000 soldados soviéticos, entre cinco e oito milhões civis morreram, sendo meio milhão de judeus. De onze milhões de soldados soviéticos mortos em batalha, um-quarto era ucraniano.

> ESTADOS UNIDOS ACUSAM A RÚSSIA DE PREPARAR UMA INVASÃO DA UCRÂNIA, ENQUANTO PUTIN AMEAÇA INSTALAR BASES MILITARES NA NICARÁGUA E NA VENEZUELA. E NÓS COM ISSO?

Militarização

Desde que assumiu o poder, Vladimir Putin tenta manter a Polônia como aliada da Rússia, não aceita que o país ingresse no Tratado do Atlântico Norte (Otan), a grande aliança militar do Ocidente, liderada pelos Estados Unidos. Entretanto, desde a chamada Revolução Laranja (2004), seus aliados ucranianos sofreram sucessivas derrotas eleitorais. Em resposta, Putin apoia movimentos separatistas em regiões onde a população é russófila, como Crimeia e Sebastopol, que declaram independência e, em 2014, assinaram um tratado de adesão à Federação Russa, apesar da oposição da ONU.

Nas regiões leste e sul da Ucrânia, em Donetsk e Lugansk, milicias locais ocuparam prédios do governo e delegacias policiais e iniciaram uma guerra civil. Um plebiscito local, não reconhecido internacionalmente, aprovou a independência da região de Donbass, a segunda mais densamente povoada da Ucrânia, superada apenas pela capital Kiev. Reservas de ferro e carvão mineral cobrem cerca de 23.300km² a sul da bacia do rio Donets; é a maior região produtora de ferro e aço da Ucrânia e abriga um dos principais complexos de indústria pesada do mundo.

E nós com isso? Os Estados Unidos acusam a Rússia de preparar uma invasão da Ucrânia, enquanto Putin ameaça instalar bases militares na Nicarágua e na Venezuela, caso o país do Cáucaso realmente ingresse na Otan. Se isso ocorrer, o assunto certamente será um dos temas da campanha eleitoral, porque o presidente Jair Bolsonaro é aliado do atual governo ucraniano e será instado a se posicionar por Joe Biden, o presidente dos EUA, enquanto o ex-presidente Lula não esconde seu apoio político a Nicolas Maduro, na Venezuela, e Daniel Ortega, na Nicarágua. É um assunto cabeludo, que pode mudar muita coisa na geopolítica regional, na qual Bolsonaro anda muito isolado.